

TEMPOS JUNTADOS: UMA ANÁLISE BIOGRÁFICA DA TRAJETÓRIA DE FÁTIMA QUINTAS

Luíza Vieira Cavalcanti[1]
Prof. Dr. Walter Valdevino do Amaral[2]

Resumo
A antropóloga Maria de Fátima de Andrade Quintas, mais conhecida como Fátima Quintas, é uma escritora de destaque no ciclo intelectual pernambucano. Nascida na cidade do Recife, em 28 de fevereiro de 1944, possuiu sua infância em meio aos livros da biblioteca de sua família, que despertou nela um interesse nato pela leitura e também as influências de seu pai, Amaro Quintas (professor e historiador), a fizeram trilhar um caminho próprio dentro da vida acadêmica. Assim, formou-se em Ciências Sociais na Universidade Federal de Pernambuco, onde também seguiu no mestrado em antropologia, concluindo em 1985. Sua trajetória acadêmica vasta lhe garantiu a entrada na imortalidade pela Academia Pernambucana de Letras (2003), ocupando a 31ª cadeira. Ademais, na APL, ela se torna a primeira presidente mulher da instituição (2012). Além de sua evidência por ser intelectual e mulher ocupando espaços de destaque no meio acadêmico, sua temática de pesquisa está também voltada, dentre muitas, à compreensão de como se dá a subjetividade feminina e sua relação com a sexualidade. Sua trajetória de vida esteve constantemente dividida entre sua subjetividade e sua academicididade, assim, enquanto escritora, é possível acessar duas Fátima Quintas, uma poetisa e outra cientista social - sem perder a fluidez em sua escrita. Através da obra "Tempos Partidos" (2018) - sua autobiografia - e um cruzamento de outras informações, desenvolvemos uma pesquisa com enfoque em sua trajetória como mulher e acadêmica. Portanto, tomamos como aportes principais para nosso estudo Roger Chartier para a compreensão da relação obra-autor e Margareth Rago para as problematizações de gênero.

Palavras-chave: história das mulheres. Biografia. Gênero.

Introdução

Maria de Fátima de Andrade Quintas é uma importante antropóloga para o ciclo intelectual pernambucano. Nascida e criada na cidade do Recife, passou um período em Portugal, mas depois retornou à sua cidade de origem, onde trabalhou por muitos anos como pesquisadora e professora de algumas instituições. Apesar de

[1] Graduanda em História pela Universidade Católica de Pernambuco. Membro do Cactos – Núcleo Unicap de Estudos de Gênero. Voluntária PIBIC-UNICAP. E-mail: luizavieiracavalcanti@gmail.com.
[2] Docente do Curso de História da Universidade Católica de Pernambuco. Coordenador do Cactos – Núcleo Unicap de Estudos de Gênero. E-mail: walter.amaral@unicap.br.

atuar em sua área de formação acadêmica, transita entre as áreas científica e artística, produzindo algumas obras de contos e romances. Seus livros tiveram grande circulação e evidência, bem como sua imagem, conhecida em boa parte do país. Além disso, ocupou um cargo em sua trajetória que nunca havia sido ocupado por uma mulher: o de presidente da Academia Pernambucana de Letras.

Dessa forma, através de sua trajetória pretendemos fazer um estudo biográfico sobre quem é essa escritora, para contribuir da visibilidade e protagonismo na sua história. Além disso, observamos alguns questionamentos pertinentes ao levantamento biográfico. Dentre eles, a problematização sobre o cânone literário presente no ciclo pernambucano, a difícil ocupação feminina em lugares de evidência intelectual, a produção de biografia feminina etc.

Portanto, com este trabalho, desejamos em primeiro lugar, realizar um cruzamento de informações sobre Fátima Quintas, com base nas informações presentes em seu livro autobiográfico, “Tempos Partido (memórias)”, publicado em 2018, pela editora Bagaço. A obra foi premiada pela União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro (UBE-RJ) com o Prêmio de Diretoria Peregrino Júnior 2018, na categoria “Memórias”. Ademais, por conta do livro, em 9 de março do corrente ano, recebeu uma homenagem pela Academia Pernambucana de Letras, devido à sua 50ª publicação.



Imagem 1: Capa do livro “Tempos Partidos (memórias)”.



O título que escolhemos para este artigo faz referência ao título de sua obra, pois procuraremos fazer uma junção do tempo que para autora estão dispostos de forma partida. Nesse sentido, analisando-o em comparação com outras fontes, temos por objetivo montar uma narrativa historiográfica sobre a sua trajetória. Procurando contribuir para uma maior visibilidade da escritora e de sua escrita, pois acreditamos que um dos pontos mais significativos de uma biografia sobre trajetórias femininas, é que ela apresenta-se como uma nova forma de fazer a história e mostrar os acontecimentos gerais a partir de um paradigma específico sob a ótica do gênero feminino, a qual muitas vezes é silenciada.

Narrativas sobre a trajetória de Fátima Quintas



Imagem 2: Fotografia de Fátima Quintas.

Nascida na cidade do Recife, em 28 de fevereiro de 1944, Fátima Quintas teve uma infância tranquila e urbana, na qual um de seus espaços preferidos para brincar viria a ser, uma importante instituição em na sua carreira, anos mais tarde: a Academia Pernambucana de Letras. Sua casa, segundo a própria nos conta: "se estendia por um quintal largo, cheio de árvores"' (QUINTAS, 2018, p. 166). Seus pais foram Edith Queiroz de Andrade Quintas, que igualmente muitas mulheres em sua época, não trabalhou fora de casa, dedicando-se ao lar, mas, apesar disso, sempre aconselhou sua filha a seguir um caminho totalmente diferente do seu; seu pai, Amaro Soares Quintas, foi um renomado historiador e escritor, membro da Academia Pernambucana de Letras, ocupando a cadeira de número 32. A escritora



demonstra possuir um visível respeito por ele e sua trajetória de luta contra a ditadura civil-militar, inclusive chegou a escrever um livro contando a sua biografia (Cf.: QUINTAS, 2013).

Sua formação teve início com aulas particulares de uma professora chamada Nadir, em seguida, foi estudar no Colégio Eucarístico e, posteriormente, no Colégio de São José, instituições escolares renomadas na capital pernambucana; o que demonstra uma preocupação de seus pais no investimento de seus estudos. Sua vida acadêmica iniciou na Faculdade de Filosofia do Recife (FAFIRE), mas, no ano de 1965, transferiu-se para a Universidade Federal de Pernambuco, na qual concluiu o curso de Ciências Sociais; mesma instituição em que realizou seu mestrado em Antropologia, concluído em 1985 (Cf.: QUINTAS, 2016).

Aos 22 anos de idade mudou-se para Lisboa, onde realizou cursos de pós-graduação, no Instituto de Ciências Sociais e Política Ultramarina e no Museu das Janelas Verdes. Em terras lusitanas conheceu e casou-se com o português João Manoel Brandão Cardoso Pessoa, que faleceu em 1979. Anos depois de ficar viúva, conheceu o seu atual marido, o espanhol Vicente Masip Viciano. Ao longo de sua trajetória, é possível observarmos que ela possui um padrão de vida confortável, sendo de classe média.

Fátima Quintas possui uma relação estreita e afetiva com a leitura e a escrita, da qual sempre procura destacar em seus pronunciamentos. Desde antes de saber ler, seu espaço favorito na infância era a biblioteca do seu pai, onde passava horas escondida, rabiscando alguns exemplares. Posteriormente, descobriu que, por mais que os livros daquela biblioteca fossem importantes para ele, o próprio o confessou que não fazia questão que os rabiscasse, apenas repunha cada exemplar pego por ela, sem reclamar fazer qualquer tipo de reclamação. Posteriormente, quando aprendeu a ler e escrever passou a relatar subjetivamente o mundo ao seu redor, suas vivências. Em seu diário, intitulado por ela de “Baú de Feitiços”, escrevia sobre a família, as mudanças que vivia e suas emoções:

> Sei que sou desenxabida, tenho vergonha dos seios que já despontam, do alargamento das ancas e do crescimento desordenado. Não me adapto a esse corpo meio de mulher. Quase menina. E, de repente, uma moça grita para nascer. Não dou espaço a para ela. Mas essa luta comigo mesma me aflige. Cada vez que me vejo ao espelho há uma novidade. Estou terrivelmente desengonçada. O corpo desabrocha numa cabeça infante. Tenho



> vergonha de mim. A fase de transição é horrível, nem menina nem mulher, menina-mulher. Como é complicado conviver com o novo retrato em carne e osso que traço para mim. E o outro já não existe mais. Começa a se desestruturar e não sei qual esboço se desenhará amanhã (QUINTAS, 2018, p. 35).

Esse trecho ela escreveu em 10 de março de 1956, quando tinha apenas 12 anos de idade, acreditamos que ele ilustra bem, como o exercício da sua escrita é fluido e, mesmo precocemente, complexo. Em suas obras é possível encontrarmos seu lado poético, mas ao mesmo tempo cientista, pois se divide entre a Academia, com a antropologia, e a literatura artística, com contos e romances. Ela já produziu uma vasta quantidade de obras, cerca de 50 títulos, dentre elas algumas de grande circulação, dentre elas destacamos: “Sexo e Marginalidade” (1986), “O cotidiano em Gilberto Freyre” (1992), “O negro: identidade e cidadania” (1995), “Mulher Negra: preconceito sexualidade e imaginário” (1995), “Manifesto Regionalista de Gilberto Freyre” (1996), “Novo Mundo nos Trópicos” (2000), “Névoas e brumas” (1999), “O Silêncio das Horas” (2004), “A mulher e a Família no final do Século XX” (2005), “A Ilustre Casa dos Fantasmas” (2006), “A Civilização do Açúcar” (2007), “O Recife: passeio à antiga” (2008), “Sexo à Moda Patriarcal: o feminino e o masculino na obra de Gilberto Freyre” (2008), “A saga do Açúcar” (2010), “Amaro Quintas, meu pai” (2013) e “Tempos Partidos (memórias)” (2018).

Após o levantamento que fizemos de suas obras, identificamos uma variedade de temáticas, das quais destacamos como mais presentes: sexualidade, mulher, raça e biografia. Além disso, de forma geral, seus títulos são acessíveis, com grande circulação nas livrarias e bibliotecas. Isso porque Fátima Quintas sempre recebeu uma grande evidência midiática e as editoras que produziram seus livros são de modo geral de grande porte.

Sua atuação profissional é igualmente vasta, pois ocupou diversos espaços enquanto intelectual. Trabalhou como professora na Faculdade Marista, pesquisadora e diretora do Departamento de Antropologia na Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), coordenadora do Seminário de Tropicologia (FUNDAJ), apresentou o programa “Quintas às quintas” na Rádio Universitária AM (UFPE) e articulista do “Jornal do Commércio”. Além disso, possui um blog pessoal, iniciado em 2010 e sua última postagem data de 2017, no qual postou alguns de seus textos.



Nessa página, a escritora publicou um texto comentando um pouco sobre si, intitulado “Saberei definir-me”:

> Que direi de mim se me perguntarem quem sou? Quão difícil a resposta! Permito-me confissões desconexas, pensamentos soltos, jorros incontroláveis, mas tudo isso à sombra de uma aguda espontaneidade. E a imaginação flui num desejo incontrolável de transformar a palavra em círios de eternidade, de diluir-se em letras como se a marca da escrita representasse o ponto original da existência, a pedra fundamental de que faço uso, instrumento indispensável à vida, oxigênio puro, ar conveniente à respiração. A escrita me desafiando, minuto a minuto, uma espécie de chamamento do qual não consigo me desvencilhar (QUINTAS, 2010).

Além dessas atuações, destacamos seu papel na Academia Pernambucana de Letras. Fátima Quintas torna-se imortal, sendo eleita por unanimidade, em 28 de outubro de 2002, para ocupar a cadeira de número 31, cujo patrono é o escritor Oliveira Lima, após o falecimento do escritor José Wamberto. A sua posse foi no dia 3 de abril de 2003, nessa ocasião, foi saudada por Maria do Carmo Barreto Campelo (Cf.: APL, 2006, p. 122). Em seu discurso de posse fez comentários sobre o tempo, mencionou carinhosamente seu pai e sua mãe, sua viagem de estudos para Lisboa e sobre os imortais que a antecederam na cadeira 31: Manoel de Oliveira Lima, Francisco Montenegro e José Wamberto. Sempre procurou dedicar-se como membro dessa instituição; troando-se em 26 de janeiro de 2012, a primeira mulher a assumir a presidência da Academia Pernambucana de Letras.

Aqui, cabe fazermos a seguinte ressalva, a APL foi fundada em 26 de janeiro de 1901, juntamente com a efervescência da chamada *belle époque*. No entanto, somente cento e onze anos depois de sua fundação, foi que uma mulher chegou a ocupar o cargo de presidente dessa instituição. Infelizmente, no geral, as academias de letras tendem serem espaços que por muito tempo se mantiveram ocupados exclusivamente ou predominantemente pelos homens. Como observado por Michele Asmar Fanini, em relação à Academia Brasileira de Letras:

> Com isso, a elegibilidade feminina, ainda que tenha integrado a pauta de algumas das incontáveis sessões acadêmicas, foi mantida fora de cogitação, precisamente durante os oitenta primeiros anos de sua existência, ora em decorrência de um acordo tácito – inicialmente estabelecido entre seus membros fundadores, mas logo



> transformado em legado –, ora respaldada pelo Regimento Interno (FANINI, 2010, p. 149).

Portanto, como podemos observar, na APL, a questão não se deu de forma muito destoante, pois a primeira mulher a se tornar imortal nessa instituição, Edwiges de Sá Pereira, foi cerca de 20 anos após sua fundação. Além disso, a ocupação muito discrepante do cargo de presidente é sintomática de um meio acadêmico excludente. Apesar das problematizações em torno de sua entrada na presidência desta casa, Fátima Quintas exerceu uma atividade notável enquanto esteve regendo tal espaço. Promovendo diversos eventos e, divulgando-a e aproximando-a da sociedade, a partir de algumas publicações sobre a história APL e seus/as imortais. Em janeiro de 2016, após quatro anos como presidente, Fátima Quintas finda seu mandato, sendo sucedida pela advogada e escritora Margarida Cantarelli; nessa ocasião, ela fez um discurso em homenagem ao seu pai, Amaro Quintas.

Hodiernamente, aos 75 anos de idade, ela não exerce mais o cargo de presidente da Academia Pernambucana de Letras, como coordenadora do Seminário de Tropicologia ou pesquisadora da FUNDAJ (trabalhou na instituição durante 37 anos). Mas ainda encontra-se em plena atividade, dando palestras, promovendo encontros e escrevendo. A data de sua mais recente publicação é de 2018, indicativo que a escritora está em plena atividade produtiva. Além disso, comanda a Oficina Literária Clarice Lispector, através da qual promove encontros e debates sobre a escritora e suas obras.

Problemáticas da construção biográfica

Escrever sobre trajetórias de indivíduos é sempre um desafio para nós historiadores/as, mas quando se trata sobre as vivências de uma mulher, mostra-se um desafio ainda maior. Portanto, sobre esse trabalho em específico, embasado no livro autobiográfico de Fátima Quintas, houve outros obstáculos. Identificamos-nos com um questionamento evidenciado pela historiadora Margareth Rago: “como trabalhar com a autobiografia de mulheres quando elas mesmas raramente escrevem sobre si?’’ (RAGO, 2018, p. 206). O caso de Fátima Quintas é curioso, pois trata-se de uma autora que não é apenas subjetiva que constantemente fala sobre si e suas vivências. Mas, ainda sim, persiste a dificuldade em compreender



como dar voz às entrelinhas de seus relatos pessoais. Isso compreendendo que para a produção de um livro, existe um processo anterior bastante complexo que envolve um jogo de interesses (Cf.: CHARTIER, 2014).

Durante muito tempo, através da biografia, trajetórias masculinas receberam grande evidência. Homens presidentes, heróis de guerra, intelectuais famosos, artistas entre outros, que ganharam palco dentro da historiografia. Entretanto, com os novos rumos da História, tornou-se cada vez mais necessário se debater sobre as trajetórias femininas ou sobre a ausência delas. É, portanto, contundente se escrever sobre a vida dessa mulher que fincou sua marca no ciclo intelectual pernambucano.

Entretanto, uma característica é contundente de ser destacada dentro das observações sobre a sua história. Pois, como sabemos, existem dentro da literatura, espécies de filtros sobre a circulação de obras e publicações também, como o conhecido cânone literário:

> Não é por acaso que a única modalidade de texto não praticado pelas mulheres até meados do século 20 foi justamente a crítica literária. Se procuramos a produção intelectual das mulheres que nos antecederam, encontramos poemas, contos, tragédias e comédias, enfim, toda uma gama literária com exceção daquela que se mantinha como um reduto exclusivamente masculino (DUARTE, 1997, p. 91).

Dessa forma, curiosamente, Quintas se encaixou no cânone pernambucano, por mais que fosse uma mulher cientista. Isso não necessariamente ocorreu com outras mulheres da Academia Pernambucana de Letras. Como, por exemplo, com Estephania Nogueira, Débora Brennand entre outras, que aparentemente caíram no esquecimento acadêmico e popular. Porém, “Se pretendemos realmente interferir no estabelecido é preciso ir um pouco mais além do que trabalhar cada autora isoladamente, estudá-las e repetir que o cânone é reflexo do patriarcalismo” (DUARTE, 1997, p. 93). No caso de Fátima, observamos que além de uma posição social confortável, ela sempre recebeu apoio de seu pai, que também foi imortal pela APL.

Aqui cabe também, outro questionamento, além de escrever sobre antropologia, ela tem obras estritamente literárias. Apesar disso, mesmo compondo o contexto dos anos 2010, em comparação com outras intelectuais cientistas do



período sua ascensão é notável. Em comparação com a escritora e filósofa Maria do Carmo Tavares de Miranda, é possível estabelecermos que, por possuir uma escrita completamente técnica, objetiva e também se portar dessa forma, passou por um processo de distanciamento e esquecimento acadêmico e popular.

Além disso, algo que talvez seja sintomático nessa questão é que a filoósofa não casou e nem teve filhos/as. Já no caso de Fátima Quintas, aproximou-se da escrita subjetiva e ela, ponto que teoricamente torna sua imagem mais próxima do ideal feminino imposto pela sociedade, tanto em escrita quanto em intelectualidade. Aparentemente é mais fácil a aceitação de uma intelectual, quando está corresponde a um padrão social previamente definido. Nesse, prisma se compreende que apesar de romper com algumas tradições a sua figura permanece harmônica a um padrão.

Contudo, a trajetória de Fátima Quintas é muito significativa, como também o é seu trabalho enquanto escritora. Restituir as vozes dessas intelectuais, dando visibilidade à suas conquistas e atuações, contribui para que elas não caíam no esquecimento. Além disso, acreditamos que não seja necessário somente relatar suas histórias, mas problematizarmos pontos específicos, que reflitam problemáticas políticas, sociais, culturais etc.

Referências

ACADEMIA Pernambucana de Letras. **Efemerídes**: atualizadas até junho de 2005. Recife: APL, 2006.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

DUARTE, Constância Lima. O cânone literário e a autoria feminina. In: AQUIAR, Neuma. **Gênero e Ciências Humanas**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1997. p. 85-94, 1997.

FANINI, Michele Asmar. A (in) elegibilidade feminina na Academia Brasileira de Letras: Carolina Michaëlis e Amélia Beviláqua. **Tempo social**, v. 22, n. 1, p. 149-177, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v22n1/v22n1a08.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2019.

QUINTAS, Fátima. **Academia Pernambucana de Letras**: história e patrimônio. Recife: Bagaço, 2013

QUINTAS, Fátima. **Amaro Quintas, meu pai**. Biografia. Recife: CEPE, 2013.



QUINTAS, Fátima (org.). **Perfis Acadêmicos**: Academia Pernambucana de Letras. Recife: Bagaço, 2016.

QUINTAS, Fátima. Saberei definir-me. **Fátima Quintas** – antropóloga, escritora e cronista, 2010. Disponível em: <http://fatimaquintas.blogspot.com/p/saberei-definir-me.html>. Acesso em: 20 nov. 2019.

RAGO, Margareth. Autobiografia, gênero e escrita de si: nos bastidores da pesquisa. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SHMIDT, Benito Bisso (org.). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 205-222.